



JORNAL ALIANÇA



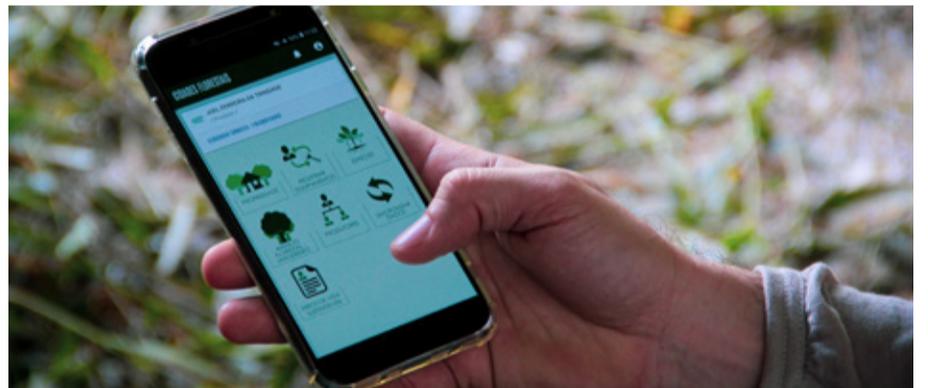
INFORMATIVO DA ALIANÇA GUARANÁ DE MAUÉS | ANO 2020 - EDIÇÃO 5 - MAUÉS, AMAZONAS



ENTREGA DE CESTAS INICIA SISTEMA 'CSA'

O cenário de pandemia e quarentena permitiu a adoção de medidas alternativas de geração de renda e consumo: as cestas agroecológicas são uma nova opção em Maués.

P.3



RASTREABILIDADE É ALIADA

Em parceria com o Idesam, AGM quer incluir produtores de Maués no aplicativo 'Cidades Florestais', para melhorar gestão da propriedade e facilitar certificações.

P.5



CONSERVAÇÃO DE QUELÔNIOS GERA DESENVOLVIMENTO E RENDA PARA REGIÃO

P.7

MAUÉS 187 ANOS: A ÚLTIMA RESISTÊNCIA DA CABANAGEM

P.6

A RELAÇÃO ENTRE SER HUMANO E NATUREZA PRECISA SER REVISTA

P.4



O tuxáua satere-mawé Josibias e o gaúcho Sílvio, 'Barão do Guaraná' falam sobre sua relação com Maués

P.8

Acompanhe nossas ações nas redes sociais:



/aliancaguaranademaues



ANO 2020 - EDIÇÃO 5 - MAUÉS, AMAZONAS

EDITORIAL

A Aliança Guaraná de Maués é um coletivo de pessoas e instituições com um objetivo em comum: construir a Maués dos sonhos. Uma Maués em harmonia com sua história, sua natureza, seus costumes e principalmente com seus representantes.

Desde sua fundação em 2017, a AGM conta com o Idesam como instituição coordenadora, apoiada por Ambev, CIAT e Usaid. A persistência, boa vontade e união destes parceiros para concretizar esta 'Maués dos sonhos' têm feito a cidade mais forte, mais articulada em lutar por seus interesses. A AGM parece apenas ter dado nome ao que naturalmente acontece quando uma aliança é feita, e já colhe os primeiros frutos desse compromisso com o bem viver de todos que compartilham desta filosofia.

O cenário de pandemia e quarentena nos exigiu adaptações na condução das atividades. Seguimos com a missão de tomar todos os cuidados necessários de saúde. Criamos uma corrente de informações, atitudes, saberes e esperamos que isso deixe um legado para o povo de Maués.

Sustentabilidade acaba sendo o propósito central que norteia todos os projetos da AGM, que se desdobra entre tantos outros setores que constroem a nossa rede na forma dos grupos de trabalho, divididos em: produção rural sustentável, educação, cultura, socioambiental e turismo.

Nesta quinta edição, as pessoas que fazem acontecer as atividades da AGM passam a ter maior protagonismo. Contamos com um artigo especial de aniversário da cidade,



Arte: Erick Dammon

assinado por Maristela Jardim, do GT Socioambiental e Turismo, sobre a Revolta da Cabanagem. A doutora Leda Lorenzo, que esteve conosco em transmissão ao vivo sobre Economia Solidária, nos presenteia com um artigo sobre a importância da agroecologia na vida prática.

Outro destaque é a estreia de charges e tirinhas na sessão de Entretenimento, assinadas pelos artistas Erick Dammon e Pedro Neo. Entre outras surpresas e novas participações que, para nossa alegria, se estenderão nas próximas edições do Jornal Aliança.

Aproveite e leitura!



FICHA TÉCNICA

O Jornal Aliança é um produto da Aliança Guaraná de Maués, iniciativa que busca promover melhorias para o município. Saiba mais sobre a AGM no site: idesam.org/agm

Coordenação:
Ramom Morato

Edição:
Samuel Simões Neto

Textos/Revisão:
Liviah Prestes
Henrique Saunier

Fotos:
Arquivo Idesam
Erick Dammon
Maristela Jardim
Ramom Morato

Projeto Gráfico:
Ana Claudia Medeiros

Colaboraram nesta edição:

Anndson Brelaz, Erick Dammon, Ítalo Mamud, Josibias Alencar, Leda Lorenzo, Maristela Jardim, Pedro Neo, Roosevelt Hada Leal, Sílvio Proença.

Fale conosco:

Rua Barão de Solimões, Nº 12 - Parque das Laranjeiras - Flores - Manaus (AM)
(92) 3347-7350 / (92) 99142-5629

Impressão:

Grafisa Gráfica e Editora
Tiragem: 2.000 exemplares

Pandemia reforça busca por consumo da agricultura de base comunitária

Idealizada pelo Ifam, ação quer transformar Maués em referência no modelo 'CSA'



Foto: Liviah Prestes

Cestas são opção para manter a renda para as famílias produtoras.



Foto: Ramom Morato

Dona Lúcia é uma das produtoras envolvidas na iniciativa de CSA.

“**E** se pensarmos em cuidar da saúde em vez de só tentar erradicar doenças?”. Esta tem sido uma reflexão mais constante nestes tempos de pandemia, em um momento onde buscamos formas mais naturais para nos mantermos saudáveis. Iniciada pela **AGM**, a campanha “Covid Aqui Não”, nasceu com o intuito de levar mais informações, mas também para encontrar alternativas para diminuir os efeitos da paralisação das principais atividades econômicas no município. Isso inclui apoiar soluções para que agricultoras e agricultores não precisem se aglomerar nas feiras, sem deixar de levar seus produtos ao consumidor final.

Uma ideia de professores do IFAM (Instituto Federal de Educação do Amazonas) - Campus Maués está propondo uma mudança nesses hábitos de consumo: inspirados no modelo CSA (Comunidade que Sustenta a Agricultura), o grupo tem recolhido e entregado semanalmente cestas compostas por alimentos produzidos por famílias agricultoras

da Estrada da Safrita, Pupunhal e Mutuca, na região de Maués.

Acompanhadas de informes com receitas e informações sobre os produtores da região, as cestas se tornaram um exemplo de como pode ser feito o escoamento de produtos orgânicos de maneira direta ao consumidor, incentivando ainda a criação de uma relação mais próxima e transparente com fornecedores de alimentos.

No final das contas, ganha o produtor, que não deixa de vender; e o consumidor, que tem acesso a uma alimentação saudável, fresca e apoia uma agricultura sustentável. A média semanal de entrega tem sido de 15 cestas de alimentos frescos, direto da roça e a preços acessíveis. Ao contrário de uma monocultura, este modelo reflete uma diversidade alimentar que vai de acordo com a variedade potencial da região onde é aplicada.

Em Manaus, já existem dois núcleos de CSA e o objetivo da **AGM** é fazer com que Maués seja referên-

“É UMA INICIATIVA QUE GERA BENEFÍCIOS INCALCULÁVEIS NA SAÚDE FÍSICA, FINANCEIRA E AMBIENTAL DESSAS COMUNIDADES”

Ramom Morato, coordenador do Idesam em Maués

cia nesse modelo de agricultura. O projeto de Cestas da Agrobiodiversidade é liderado pela professora Melissa Michelotti Veras, que criou a iniciativa em Maués junto ao professor Danilo Machado, ambos do IFAM, e que agora contam com apoio de Clara Vignoli, Bruno Negreiros,

Laís Bentes e de mais toda uma equipe de voluntários da **AGM**.

“Essa é uma iniciativa que investe na agricultura familiar, na relação de confiança entre os consumidores e agricultores (coagricultores), que geram benefícios na saúde física, segurança financeira e conservação ambiental dessas comunidades agricultoras”, resalta Ramom Morato, coordenador do Idesam em Maués.

Quem se interessar em conhecer mais sobre o funcionamento do modelo CSA em Maués ou queira integrar um dos Grupos de Trabalho e aprender um pouco mais com essa experiência, pode entrar em contato com a professora Melissa Michelotti do Ifam. Também estamos disponíveis para tirar dúvidas pelas redes sociais da **AGM** no Facebook e Instagram.

A Aliança Guaraná está também no Instagram!

Siga-nos e acompanhe o nosso trabalho!



@aliancaguaranademaués



A relação entre natureza e ser humano

Por Leda Lorenzo Montero - Professora Dra. da Universidade Federal de São Paulo, Campus Diadema. Departamento de Ciências Ambientais. Laboratório de Ecologia e Geomorfologia.

Precisamos de terras agrícolas para produzir nossos alimentos. Precisamos de madeira para construir as nossas casas e de fibras e tecidos para inúmeros fins, de princípios ativos para uso médico e cosmético e de outras matérias necessárias para a vida humana.

Para o bem viver do ser humano, precisamos conservar a natureza, porque os ecossistemas naturais dão suporte às populações humanas. Nos proporcionam serviços ambientais fundamentais como: água potável, ar limpo, solo produtivo e biodiversidade.

É por isso que o cenário mundial de destruição e degradação de ecossistemas é tão preocupante. Nos últimos dois séculos, as nossas atividades (principalmente as industriais, agrícolas e de infraestrutura) têm gerado problemas ambientais que colocam em xeque a qualidade da vida humana.

As atividades industriais têm causado contaminação a nível global, alterando a química da



Foto: Adriano Sarmiento/IDESAM

É preciso mudar a forma como vemos nossa relação com a natureza.

atmosfera e dos oceanos mediante a emissão de gases de efeito estufa (como dióxido de carbono, metano e óxido nitroso) e de outros poluentes nocivos para a vida (metais pesados, óxido de enxofre, dioxinas, etc).

Assim, foram surgindo uma série de graves problemas ambientais:

1) A mudança climática - com vários efeitos negativos, como o aumento de eventos climáticos extremos, cada vez mais frequentes, ou as perdas econômicas causadas pela menor produtividade agrícola;

2) A destruição parcial da camada de ozônio - que é um protetor natural contra a radiação ultravioleta, que gera

câncer e outros danos à vida;

3) O uso excessivo da água para fins agrícolas - que causa salinização, esgota a água potável e produz desertificação;

4) A erosão de solo produtivo - e conseqüentemente, menores colheitas e maior demanda de água para a produção de alimentos, com perdas econômicas associadas estimadas em 8 bilhões de dólares por ano.

5) A perda acelerada de biodiversidade - nos últimos 40 anos - tem sido praticamente devastada nas regiões tropicais e subtropicais, como o Brasil, onde estava razoavelmente preserva-

da até metade do século XX.

No Brasil, ciclos econômicos de extrativismo predatório se sucederam em diferentes épocas e regiões, estruturando a história nacional desde o século XVI até a atualidade: a cana de açúcar do nordeste, o cacau da Bahia, o algodão do Maranhão, o café de São Paulo, a borracha da Amazônia, etc.

De forma geral, esses ciclos econômicos eram focados na obtenção de produtos agrícolas para o mercado exterior e geraram lucro e riqueza para as elites locais, mas apenas geraram riqueza, infraestrutura ou bem-estar social para as populações locais.

Hoje, no País, os agricultores familiares produzem a maior parte do alimento da nossa mesa (70% segundo o Censo Agropecuário de 2010). Apesar disso, a agricultura familiar utiliza pouca superfície de terra e os pequenos agricultores têm dificuldade de acesso aos créditos agrícolas.

É necessário o fortalecimento desses agricultores no que diz respeito aos métodos de produção, beneficiamento, escoamento da produção e acesso aos mercados.

Leia o artigo completo no site do Idesam, acesse: idesam.org/leda



Ana Maria Primavesi.

Primavesi deixa legado na agroecologia

Pioneira no estudo da agroecologia no mundo, a austríaca Ana Primavesi se formou engenheira agrônoma e veio morar no Brasil, onde contribuiu enormemente com a ciência do solo, manejo orgânico, agroecologia e agricultura sustentável.

Ela fundou a Associação da Agricultura (AAO), uma das primeiras e mais importantes associações de produto orgânico no Brasil. Ao longo

de sua carreira, recebeu diversos prêmios, como o "One World Award" da IFOAM, em 2012, além de títulos "Doctor honoris causa" em universidades brasileiras. O Centro Acadêmico de Agroecologia na UFScar inaugurado em 2010 leva o seu nome.

Ana Primavesi faleceu em 5 de janeiro de 2020 e tem nosso profundo respeito e admiração. "Ecologia é a ciência que estuda a interrelação dos

equilíbrios dinâmicos dos diversos lugares com sua vida, seus solos, seu conjunto. Ou seja, estudamos os laços que unem os seres vivos com seu ambiente (...) Equilíbrios dão a certeza reconfortante de que não existirá nem excesso nem falta de algum fator. E de que tudo está aqui, e na medida certa". (Trecho extraído de seu célebre livro Manejo ecológico de pragas e doenças).

Rastreabilidade busca valorizar ainda mais o guaraná mauésense

Iniciativa da AGM irá utilizar tecnologia do app Cidades Florestais, criado pelo Idesam

Um dos pilares mais importantes do trabalho da aliança é trazer mais estrutura e organização para a cadeia produtiva do guaraná no município de Maués. Uma das alternativas pensadas para agregar ainda mais valor a este mercado – e consequentemente, beneficiar os produtores rurais – é aprimorar a rastreabilidade do guaraná mauésense, garantindo assim clareza quanto a origem e qualidade do produto ao consumidor final.

A partir de 2020, a AGM planeja utilizar o aplicativo Cidades Florestais (criado pelo projeto de mesmo nome, do Idesam) para auxiliar os produtores e produtoras do município. Pela plataforma, que já possui uma experiência bem sucedida com extrativistas de óleos vegetais, as famílias agricultoras que cultivam guaraná poderão usar a ferramenta para cadastros de informações básicas sobre os meios e resultados de produção, além de servir na gestão de custos e de suas vendas.

O uso do aplicativo se alinha com as metas de sustentabilidade da Ambev, que espera, até 2025, ter 100% do guaraná comprado direto da agricultura familiar. Isso exige que estas famílias tenham um maior cuidado na organização e controle nos processos e entrada de matéria-prima para Ambev.

Entre outros benefícios, o uso do aplicativo Cidades Florestais no processo de comprovação de origem sustentável e rastreável do guaraná de Maués pode auxiliar na obtenção de selos e certificações que aumentam a valorização dos produtos para a Ambev e para outros mercados.

“Todos os elos da cadeia são beneficiados com os avanços no sistema de rastreabilidade. O aplicativo ajuda os agricultores e agricultoras a fazerem

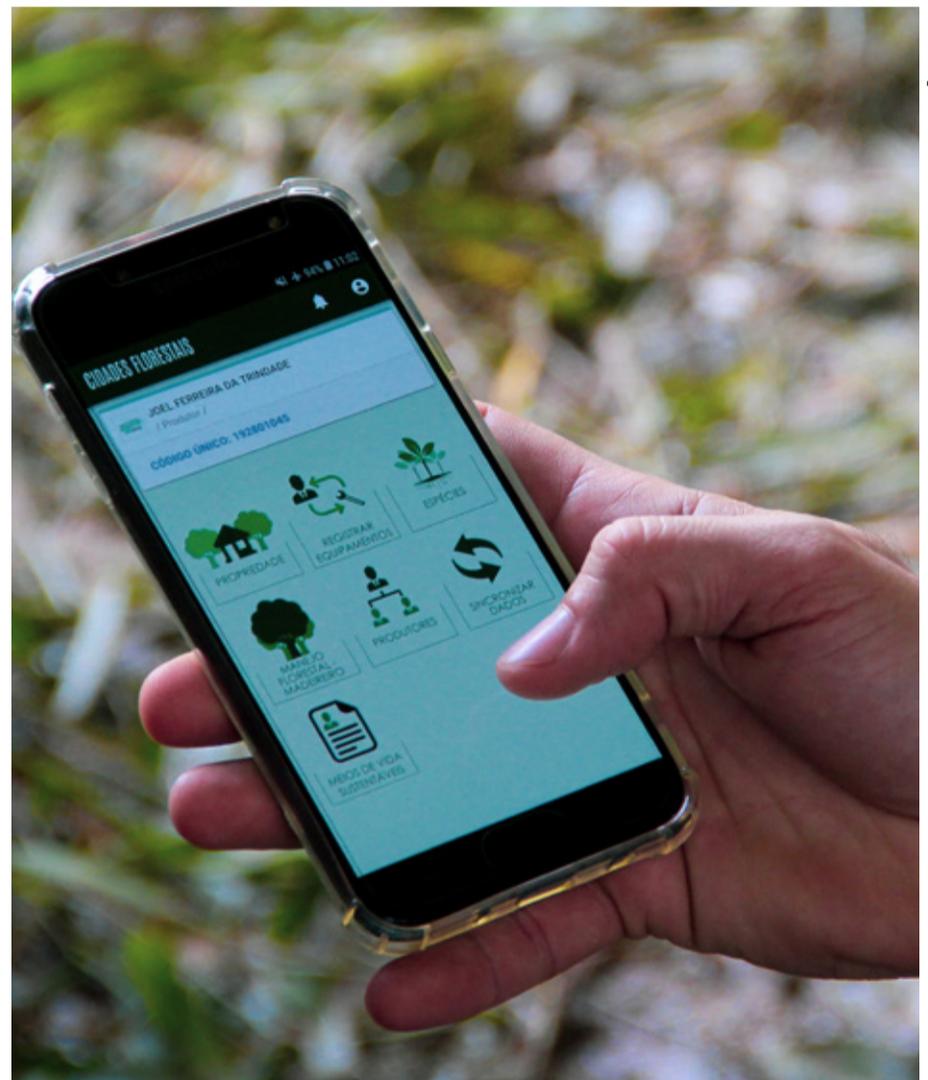
a gestão da propriedade como um todo, o que por sua vez gera bases mais concretas para recomendações de manejo por parte dos técnicos e extensionistas”, explica o engenheiro florestal Eric Brosler, um dos responsáveis pelo Plano de Ação da rastreabilidade do guaraná de Maués.

Devido a sua importância para a economia de Maués, as expectativas da aliança para o mercado do guaraná em 2020 é estreitar ainda mais a relação entre produtores, instituições e empresas. A **Aliança Guaraná de Maués** inclusive apoia a Ambev para fortalecer o relacionamento e se aproximar ainda mais aos produtores rurais responsáveis pelo guaraná de Maués.

“ALÉM DE SUA APLICAÇÃO PRÁTICA NA PRODUÇÃO, O RASTREAMENTO PODE AUXILIAR AINDA NO PLANEJAMENTO DE AÇÕES JUNTO AOS PRODUTORES.”

Roosevelt Leal, da Ambev.

“A partir dela [rastreabilidade], podemos verificar a origem de um determinado lote de guaraná, obtendo informações como o nome do produtor, ano da safra, localidade na qual foi produzido. Além de sua aplicação prática na produção, o rastreamento também nos auxilia nas comprovações e coletas de informações das aquisições e produção de guaraná, podendo auxiliar ainda no planejamento de ações futuras junto aos produtores”, completa Roosevelt Leal, engenheiro agrônomo na Fazenda Santa Helena.



Aplicativo ajuda produtores a gerir sua produção rural sustentável.

Próximas etapas do plano de ação:



Plano-piloto com capacitação e monitoramento de três agricultoras e agricultores



Capacitação e monitoramento de agricultores familiares para uso da plataforma Cidades Florestais



Capacitação e acompanhamento de fornecedores, associações, cooperativas e demais atores em parceria com a Ambev

Para saber mais sobre a plataforma: cidadesflorestais.org.br



Especial - Maués 187 anos

Cabanagem e sua relação com a história de Maués

A Amazônia desperta interesse por sua imensa riqueza na fauna, flora, composição étnica e pelo absolutismo pela qual foi colonizada. Em meio a sua imensa beleza geográfica, avistamos a terra dos Sateré-Mawé, povo indígena do tronco linguístico tupi, que habita o município de Maués, a 278 km de Manaus. Uma terra rica em história e cultura, e internacionalmente conhecida como a Terra do Guaraná, Maués tem histórias e lendas que a tornam um lugar cheio de magia e encantos. Maués também foi palco de muitas lutas que marcaram história e até hoje compõem a identidade local da cidade, como é o caso da Revolução Cabana, que nesta edição ganha um artigo especial escrito por Maristela Jardim.

A Revolução Cabana (1835-1840) ou “Guerra da Cabanagem”, ocorreu no início do período Regencial. Em meados de 1833, a população amazônica era composta por membros do clero e forças armadas, proprietários agrários, trabalhadores rurais e urbanos livres, escravos negros e povos indígenas que se uniram contra a repressão do Estado. Mestiços, negros e índios viviam em extrema miséria, sem trabalho e sem condições adequadas para sobreviver. Esses povos viviam em suas cabanas, às margens dos rios, construídas de palha e chão de terra batida. Eram explorados através do trabalho escravo, e tanto sua própria produção como os produtos que extraíam das florestas lhes eram tomados pelo governo. O regime escravocrata ainda persistia no Brasil.

Com a promulgação da Constituição de 1824, ficou evidente que o imperador não tinha interesse em conceder autonomia política às províncias. Isso gerou descontentamento nas elites de todas as regiões brasileiras, o que motivou grandes fazendeiros a unirem-se aos cabanos no Grão-Pará, para iniciar uma das revoltas sociais mais importantes do país.

A capital do Grão-Pará era Belém, por onde os produtos eram exportados. A elite local ainda era extre-

mamente ligada aos portugueses; e a cidade era a que mais dependia de Portugal desde o Brasil colônia.

Em 1835, os cabanos invadiram Belém e executaram o presidente da província, Bernardo Lobo de Souza, e as demais autoridades. Os cabanos iniciaram, então, seu governo, que passou por sucessivas traições e execuções.

O governo federal, então, reúne suas tropas para combater os revoltosos e reprimir qualquer foco revolucionário, contando com apoio de tropas europeias. Uma poderosa frente militar foi enviada para o Grão-Pará, que se tornou palco de batalhas sangrentas por 5 anos. Houve uma grande perse-



A praça da Igreja Matriz foi o local onde a Cabanagem teve fim, em 1840.



Maués: o último local de resistência da Cabanagem

guição aos cabanos resistentes.

Maués, neste período, chamava-se Vila de Luséa. Para os Cabanos, permaneceria com o nome Mundurucânia. Quem chega a Maués por via fluvial pode observar que em determinado trecho, os barcos fazem curva em um local de terra alta (barranco). Na parte de cima dos barrancos, os cabanos se enclausuravam e atacavam as tropas do governo que vinham pelos rios. Os ataques eram eficazes, pois atingiam de cima para baixo os barcos expostos e encurralados no corredor do rio.

Um grande líder da resistência cabana, o Tuxáua sateré-mawé Manoel Marques, liderava guerreiros exímios no arco e flecha. A sua Mundurucânia preparava defensiva, feita às sugestões da União, vindas de Faro, Óbidos e Santarém, onde o Padre Sanches de Brito organizava a resistência. Outro Padre, o Vigário de Tupinambarana Torquato Antônio de Souza, fazia as vezes de delegados dos legalistas do Baixo Ama-

zonas. Em Parintins, junto à serra, foi colocada uma força de Luséa.

Após quatro anos de luta, feridos e cansados de lutar com arco, flecha e terçados contra as armas de fogo, os Cabanos passam a sofrer as derrotas. Ambrósio Aires, nome de guerra Bararoá, do lado português, fez os cabanos se refugiarem nas selvas, onde continuaram resistindo e lutando.

Relatos dão conta que os buracos nos barrancos foram feitos por canhões e que os coronéis Negreiros e Michiles, em nome das forças do governo, viajavam pelas áreas rurais eliminando todos os que se opunham ou mesmo ajudavam os cabanos. Coronel Verçosa, comandava as tropas no centro de Maués, na Vila de Luséa. Dificilmente conseguiam fazer prisioneiros, pois os cabanos preferiam morrer a serem subjugados.

Maués foi o último local de rendição desta guerra. Resistiram o máximo que puderam. Por isso, é dito que Maués tem história forte de um povo valente e de grande valor, que mesmo após a Anistia Geral em 1839, resistiu mais um ano, fiel a seus ideais.

Em 25 de março de 1840, na Praça da Igreja Matriz, da Vila de Luséa, (Praça Coronel João Verçosa), após mais de 35 mil revoltosos executados, os últimos cabanos se rendem oficialmente. Liderados pelo grande Tuxáua sateré-mawé Manoel Marques, acordam com o Coronel José Coelho de Miranda Leão a entrega de armas em praça pública. Arco, flechas e terçados das mãos dos 980 últimos revoltosos são atirados ao chão, junto ao compromisso de mais nenhuma gota de sangue ser derramada.



Conservar quelônios ajuda o meio ambiente e a vida dos seres humanos

Foto: Ramon Morato/IDESAM



O manejo de quelônios é uma ótima oportunidade para envolver crianças.

Colaboração de Anndson Brelaz (engenheiro de pesca, professor do Ifam Campus Maués)

Os quelônios têm papel fundamental no equilíbrio e conservação da água limpa e potável do planeta. Atuam em rios e mares justamente limpando e filtrando os resíduos presentes nas águas, além de possuírem papel determinante na soberania alimentar dos povos da Amazônia.

Especialmente na Amazônia, eles são uma tradicional fonte de proteína para as comunidades tradicionais. Porém, com o consumo desenfreado e os efeitos das alterações climáticas pela degradação do meio ambiente, o futuro desta espécie corre sério risco.

Criado pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e atualmente liderado pelo professor do

Ifam Maués, o engenheiro de pesca Anndson Brelaz, o projeto Pé de Pincha há mais de 20 anos luta pela conservação de quelônios em Maués. As atividades desenvolvidas pelo projeto têm como intuito promover a conservação participativa de quelônios e uso sustentável dos recursos naturais, para garantir que os povos ribeirinhos continuem utilizando os animais como fonte de proteína na sua dieta alimentar, sem que isso afete o estoque natural dessas espécies.

É fato que em alguns lugares, os bichos de casco, como a tartaruga da Amazônia, praticamente desapareceram. Outras espécies menos conhecidas desse grupo estão no mesmo caminho. Por isso, ribeirinhos, indígenas, agricultores, associações comunitárias, pesquisadores da Ufam e do Ibama resolveram 'dar as mãos' para achar uma solução para trazer os quelônios de volta para a natureza.

O projeto atua junto a alunos de escolas locais, professores e ribeirinhos e estimula a coleta e proteção dos ovos de quelônios depositados nas praias das comunidades. Assim, com mais ovos, maiores são as possibilidades de gerarem filhotes e garantir a conservação das espécies.

Os quelônios são comprovadamente importantes no processo de ciclagem de nutrientes das nossas águas, pois ao ingerirem grandes quantidades de matéria morta como fonte de alimento, atuam também na "limpeza" de rios. A conservação dos quelônios da Amazônia, especialmente as cinco espécies da família Podocnemididae (Tartaruga-da-Amazônia, Tracajá, Iaçá ou Pitiú, Irapuca ou Calumã e Cabeçudo), é de suma importância por serem espécies ameaçadas devido ao consumo desenfreado de seus ovos e carne.

Manejar é dar uma importante 'mãozinha' para a natureza

O manejo de quelônios envolve uma série de procedimentos, destinados a garantir o nascimento do maior número possível de filhotes e protegê-los até que sua carapaça endureça. Assim, eles podem resistir aos seus predadores naturais: aves, peixes e outros seres aquáticos, como jacarés.

Na região da comunidade Brasiléia, a soltura de quelônios acontece anualmente, acompanhada por rodas de conversa e atividades artísticas e de educação ambiental com as comunidades. Em 2020, em razão da pandemia, a ação - liderada pelo Seu Pedro, que cuida de uma chocadeira local - teve que ser feita de maneira adaptada, com equipe e público reduzidos.

A soltura contribuiu com 1.500 novos quelônios no meio ambiente para trabalhar por nossas águas.

'Regatão do Bem', do Idesam, atende comunidades locais

Pelo menos 13 comunidades e 1 hospital de Maués já receberam doações da campanha Regatão do Bem, do Idesam, que apoia diretamente a iniciativa "Covid Aqui Não", da AGM. Foram entregues cestas básicas, kits de higiene, máscaras e protetores faciais que já beneficiaram um total de 2.702 pessoas. As ações estão sendo realizadas graças a doadores e parcerias fundamentais com entidades como a Fundação Banco do Brasil, Campanha BorAjudar e Instituto C&A, por meio da Global Shapers. Até o momento já foram beneficiados produtores de Guaraná e Agricultura Familiar do Rio Maués Mirim, famílias produtoras do Rio Urupadi, artesãos e agricultores da região da Comunidade São Raimundo do Mutuca.

Sateré-mawé pode se tornar língua co-oficial de Maués

A língua e a cultura são as raízes e o patrimônio imaterial de uma nação e direcionam um povo. Em dezembro de 2020, a Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados aprovou o Projeto de Lei 3074/19, que prevê o reconhecimento das línguas co-oficiais em municípios com aldeias. Com isso, o sateré-mawé pode se tornar língua co-oficial da cidade de Maués, passando a ter o mesmo status jurídico da língua portuguesa.

Vale ressaltar que o Ifam Maués, um dos principais parceiros técnicos da AGM, desde 2017 já aceita redações em sateré-mawé nos seus processos seletivos. Na medida do possível, a AGM tem tentado traduzir seu material informativo distribuído pela cidade, pois sabe da importância de se preservar a língua dos povos originários. Waku Sesse!

O projeto está aguardando designação de relator na Comissão de Cultura (CCULT) para publicação.



EU SOU MAUÉS



Josibias Alencar dos Santos

Tuxáua sateré-mawé, 39 anos, natural de Maués

O que você faz para se distrair nas horas de lazer?

Nós temos uma relação forte com o município, como povo Sateré-Mawé que somos, que tem seus hábitos e costumes, e que de toda maneira mantêm a relação com a cidade. Contribuímos como pessoas que pertencem a esse município: no desenvolvimento da cultura, temos avançado por meio da Aliança, onde conseguimos estar presentes e participar mais ativamente da vida cultural do município. Na Ilha Michiles, nosso lazer é jogar futebol, desenvolver brincadeiras da nossa cultura, arco e flecha, tocar nossas músicas com nossos instrumentos, compor novas canções.

Cite um habitante de Maués que você gosta muito de encontrar no seu dia a dia (bicho, gente ou os dois).

Eu realmente gosto muito de encontrar com pessoas e com animais. Animal, um pássaro. O momento em que a gente encontra um gavião é um momento muito interessante porque ele simboliza algo muito importante. É um privilégio encontrá-lo.

O que existe em Maués que você gostaria que mudasse?

A desvalorização dos patrimônios da cidade. Esse prédio aqui é o antigo cartório, tem uma história. E vemos ele nessa situação em plena entrada da cidade [referindo-se a deterioração do prédio]. Isso deveria mudar. O patrimônio deve receber seu merecido valor histórico. Para assim levar o nome de Maués de forma mais forte e positiva.

Creio também outro ponto que precisa mudar é a coleta do lixo. Às vezes queremos responsabilizar a administração do município que também pode ajudar nessa questão, mas o trabalho principal é com a gente que tem que entender que há um dever que cabe a cada um de nós, que é ajudar. E fazer a nossa parte na questão da destinação do lixo. Todos deveriam ter clara a consciência de como colaborar com a melhor destinação do lixo.

--
Acompanhe o facebook da AGM para ler a entrevista completa



Sílvio Proença da Silva, o 'Barão do Guaraná'

Micro-empresário, 60 anos, natural de Esteio (RS)

Por que escolheu aqui?

Não escolhi, fui escolhido. Eu não moro em Maués, é Maués que mora em mim.

Qual sua relação com esporte e cultura na cidade?

Sou gordinho não pratico muito esporte. Mas incentivo e colaboro no que possa ajudar na cidade.

O que você faz pra se distrair, horas de lazer?

Ler, ler e ler. Leio até a composição da pasta de dente. E assistir ao pôr do sol daqui. É maravilhoso, o amarelo, vermelho, não canso de ver.

Qual foi o melhor show, vivência ou espetáculo que você assistiu ou fez parte em Maués? Conte-nos.

Jota Quest foi um show muito bom que eu gostei muito. Mas o show do Wesley Safadão sem dúvida nenhuma foi um fenômeno.

Cite um habitante de Maués que você gosta muito de encontrar no seu dia-a-dia. (bicho, gente ou os dois)

A linda garça que aparece no rio, mais precisamente no meu quintal.

Cite algo daqui que você gosta de comer e algo que gosta de beber.

Pirarucu à parmegiana no restaurante do Filho. Um prato premiado no Amazonas. Refresco de Cupuaçu.

O que da natureza de Maués você mais gosta?

Com certeza, as nossas praias. Fora de série.

O que da cidade de Maués você mais gosta?

A avenida Antártica, nossa orla. A orla aqui em Maués é muito bonita.

Escolha a lenda/ história que você mais gosta e nos conte, por favor.

Sem dúvida a lenda do Anselmo. Nos reforça a ideia de que o caboclo não morre. O caboclo se encanta. Todo mundo conhece, Anselmo um ser encantado.

--
Acompanhe o facebook da AGM para ler a entrevista completa

Foto: Conhecendo Maués/ Clóvis Miranda

ENTRETENIMENTO

SUDOKU

Preencha com números de 1 a 9, sem que eles se repitam em uma mesma linha ou coluna, ou dentro do mesmo quadrante.

	6				9	5		
					7			
	4		1	2			8	
					9			
			5					
	3							1
				3				
9	8							
			2					6

VOCABULÁRIO

Ligue as palavras em Sateré-Mawé ao seu significado.

waku sese	MUITO
KAHATO	VILA
MIAT	OLÁ/GRATIDÃO
APOTI	BICHO
TAWA	LIXO

RESPOSTAS

Waku = Muito; Sese = Olá / Gratidão
 KAHATO = Vila
 MIAT = Bicho
 APOTI = Lixo
 TAWA = Vila

9	8	7	6	5	4	3	2	1
6	5	4	3	2	1	9	8	7
4	2	5	3	8	1	7	9	6
5	3	2	7	8	4	6	9	1
1	4	5	6	3	2	7	8	9
8	9	1	4	3	2	7	6	5
5	4	7	1	2	6	8	9	3
2	3	8	9	5	7	1	4	6
7	1	6	3	8	9	5	2	4

TIRINHAS



Edick Damron

Pedro Neto